



Reflexões sobre o papel do diálogo na construção do trabalho coletivo

*Gleice Kelly Ferreira da Silva
Júlia Clênia de Souza Silva*

3

*Natal, 06 de dezembro de 2022.
Prezadas gestoras do CMEI Dra. Zilda Arns,*

Antes de iniciarmos o Estágio Supervisionado em Gestão e Coordenação Pedagógica, tínhamos muitos anseios e receios. Dentre os nossos anseios, estava a oportunidade de compreender de forma mais próxima a realização do trabalho da gestão escolar e como esta se relacionava com os demais que compõem a comunidade escolar (professores, funcionários, pais, alunos, coordenadores). Entendemos que a escola é um ambiente plural em suas diversas formas e por isso desejamos perceber como a presença do diálogo numa perspectiva da gestão democrática poderia mediar essas relações que permeiam o ambiente escolar.

Ao acompanhar as suas práticas diárias, observamos os seus esforços em constituir um ambiente de diálogo, especialmente entre a equipe gestora, para desenvolver um trabalho coletivo mais articulado e alinhado. Assim corroborando com Freire (1987), quando diz que não é no silêncio que os homens se constituem, mas na palavra, na ação-reflexão. Com isso, identificamos que os espaços de diálogo criados entre vocês da equipe gestora se tornam fundamentais para a reflexão sobre a condução das práticas pedagógicas e/ou administrativas, além da avaliação contínua a respeito do trabalho realizado visando sempre o compromisso com qualidade do ensino.

Ao basear as suas ações no diálogo, vocês nadam contra a maré do trabalho isolado e da cultura do individualismo tão presentes na sociedade atual e nas escolas, e tão nocivos ao trabalho coletivo numa perspectiva de gestão democrática. O trabalho isolado, seja do educador ou da equipe gestora, é prejudicial pois limita as possibilidades de uma avaliação mais ampla e objetiva do seu trabalho, restringindo assim as possibilidades de melhoria. É importante lembrar que o trabalho coletivo só se faz dentro de um ambiente democrático, em que há espaços para fala e escuta de todos, validando as contribuições de cada um para se chegar a um consenso.

E, ao presenciar muitos desses momentos de diálogo entre vocês e as demais que compõem a equipe gestora sobre problemáticas de orçamento, de questões pedagógicas ou estruturais da escola, percebemos que isso não as impede de esperar. Por isso, lembramos aqui o que Freire (1987, p. 82) nos diz: “se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu que fazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso.” Assim, o “esperar” que vocês têm compartilhado com sua equipe gestora impulsionam a melhoria do trabalho realizado na escola e é refletido no comprometimento e participação de todos, desde os professores aos demais funcionários.

Sabemos que a gestão democrática não é algo novo, mas é perceptível que as escolas têm muita dificuldade de estabelecê-la, visto que elas vivenciaram por muito tempo uma gestão antidemocrática. Então, romper essa cultura exige muito conhecimento e disposição

por parte da equipe gestora, no entanto, nos deparamos com uma equipe que lida com esta questão sem nenhuma dificuldade, porém, ainda é preciso estender esse espaço de diálogo para que ela chegue até os pais e responsáveis pelas crianças e na comunidade.

As famílias dos educandos têm um papel fundamental neste processo de ensino e aprendizagem, em acompanhar o desenvolvimento das crianças, em saber o que está acontecendo na escola, têm o papel inclusive de fazer questionamentos a respeito do que está sendo feito. Porém, ainda é preciso refletir um pouco mais sobre a importância dessas famílias terem uma presença ativa na escola, pelo fato da Educação Infantil ainda ser vista por grande parte da sociedade como apenas para o cuidado das crianças enquanto os pais trabalham, eles não têm a noção do quando essa etapa da Educação Básica é importante.

Através das conversas que tivemos com vocês, percebemos que as famílias se fazem presentes em momentos mais específicos, como por exemplo, na festa em comemoração ao dia da família, nas festas juninas, de natal e demais festas comemorativas. Nesta questão, as famílias têm um grande desempenho para que estas festas aconteçam, vendendo rifas e participando do bazar para conseguir arrecadar verba para realização destas comemorações que são culturais e que, infelizmente, a secretaria de educação não consegue arcar com estes custos.

No entanto, essas relações precisam transcender essas datas comemorativas e reverberar para as questões pedagógicas e demais demandas escolares, tendo uma participação maior inclusive no Conselho Escolar, que é o órgão máximo para tomadas de decisão realizadas no interior da escola e que está sendo muito fortalecido na escola através da equipe gestora, mas que infelizmente só tem a presença ativa de uma representante das famílias, e como bem diz o ditado, uma andorinha só não faz verão.

Entendemos que estabelecer uma relação consistente de diálogo e cooperação com as famílias e a comunidade é um processo que requer algum tempo e vocês por estarem iniciando na gestão da escola ainda tem um longo caminho pela frente. Porém, é importante lembrá-las que a rede de interação entre família e escola só terá resultados positivos se houver um canal livre de comunicação e através disso será possível ter uma maior compreensão dos processos culturais que envolvem os diferentes segmentos da comunidade escolar e local, seus valores, suas atitudes e seus comportamentos. (LUIZ, 2021)

Neste sentido, como uma forma de trazer essas famílias para perto, sugerimos trabalhar com eles estas questões, através da conscientização, visto que apenas os comunicados não são o suficiente para integrar estas famílias. Também sabemos que estabelecer este vínculo não depende só da equipe gestora, mas também do interesse dos pais, então fazer esta mobilização com o caráter mais de informação e conscientização, talvez seja um bom caminho para que estas famílias se sintam encorajados a acompanhar os seus filhos mais de perto e tenham o comprometimento com a frequência das crianças na escola e não apenas levá los quando for conveniente para eles.

Muita gratidão pela acolhida e pelos conhecimentos compartilhados,

Gleice e Júlia.

Gleice Kelly Ferreira da Silva e Júlia Clênia de Souza Silva

Referências:

*FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.*

*LUIZ, Maria Cecília. **Escola constituída com participação: conselho escolar**. São Carlos: SEAD-UFSCar, 2021.*